

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO**

**FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

CARLA ÉLIDA RODRIGUES DA SILVA

**LIVRO-REPORTAGEM “ONDE HÁ REDE, HÁ RENDA:**

As histórias por trás das rendas e bordados alagoanos”

Bauru – SP

2018

CARLA ÉLIDA RODRIGUES DA SILVA

**LIVRO-REPORTAGEM “ONDE HÁ REDE, HÁ RENDA:**

As histórias por trás das rendas e bordados alagoanos”

Relatório de Projeto Experimental apresentado como requisito parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Associada Maria Cristina Gobbi

Bauru – SP

2018

CARLA ÉLIDA RODRIGUES DA SILVA

**LIVRO-REPORTAGEM “ONDE HÁ REDE, HÁ RENDA:**

As histórias por trás das rendas e bordados alagoanos”

Relatório de Projeto Experimental apresentado como requisito parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob a orientação Prof.<sup>a</sup> Associada Maria Cristina Gobbi.

Bauru, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA AVALIADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Associada Maria Cristina Gobbi (Presidente)

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

---

Prof. Dr. Angelo Sottovia Aranha

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janayna da Silva Ávila

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Ao Nordeste e todas as pessoas incríveis  
e batalhadoras que fazem da região um  
dos melhores lugares do mundo

## **AGRADECIMENTOS**

Antes de qualquer coisa, agradeço a Deus, que sempre me mantém firme, mesmo nos momentos mais difíceis, e me presenteia diariamente, colocando pessoas maravilhosas em meu caminho.

Agradeço à Edvania, minha mãe e pessoa mais importante da minha vida. Obrigada por nunca sair do meu lado e lutar tanto por nós duas. Agradeço ao meu pai, José Carlos, por não me deixar esquecer minhas origens e me fazer sentir orgulho delas. Amo muito vocês.

À minhas tias, tios e toda minha família, por me amarem e me fazerem sentir tão querida desde o meu nascimento. A todos os amigos que estiveram comigo em minha trajetória. À Livia, Juliana, Thaís, Carolina, Gabriela, Gabriel, Larissa, Victória, Julia, Fabiana e todas as pessoas que compartilharam comigo os momentos bons e não tão bons de Bauru. Em especial, Wesley, meu amigo e parceiro de todas as horas na graduação e fora dela. Obrigada pela amizade e cumplicidade desenvolvida nesses quase quatro anos.

Agradeço também aos amigos que fiz durante minha passagem por Maceió, que me acolheram tão bem e me mostraram a riqueza de Alagoas. Vocês são grandes responsáveis pela motivação para esse trabalho. Agradeço especialmente Juliana Montenegro, que me acolheu em sua casa e me apoiou imensamente nas horas que mais precisei.

Todo o meu carinho e gratidão também ao meu tio Edilson e família, que nos recebeu de braços abertos em 2014 e em todas as vezes que estive em Maceió. O mesmo vale para Edegilson e família, que me ajudou imensamente durante a execução do trabalho.

Além disso, agradeço a todos os meus professores, do fundamental à universidade, por me guiarem no caminho do conhecimento, em especial minha orientadora, Maria Cristina Gobbi. Obrigada por embarcar comigo nessa e me ajudar a manter a calma nos momentos de desespero. Não posso deixar de agradecer também a todas as pessoas que conheci e que contribuíram tanto na minha curta, mas rica trajetória profissional até aqui.

Por fim, não posso deixar de agradecer às grandes responsáveis pela realização desse livro. Tereza, Ana, Josefa, Maria, Ana Cristina, Lucineide, Luciana, Eridan e as artesãs da Art Ilha e também Edson. Muito obrigada por compartilharem comigo um pouco da vida e da paixão de vocês pelo que fazem.

*“Eu gosto dessa muié  
Porque ela é muié formosa  
Faz um bilhete bem feito  
E uma renda dificultosa”*

- Autor desconhecido

SILVA, Carla Élide Rodrigues da. **Livro-reportagem “ONDE HÁ REDE, HÁ RENDA:** As histórias por trás das rendas e bordados alagoanos”. Relatório de Projeto Experimental apresentado como requisito parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Associada Maria Cristina Gobbi.

## **RESUMO**

O presente trabalho consiste no relatório final de um livro-reportagem a respeito das rendas e bordados característicos do estado de Alagoas, no nordeste brasileiro. Tendo como tema o bordado filé, a renda de bilro e o bordado boa noite, o trabalho explora as características, o modo de produção, o histórico e o contexto geográfico de cada uma das técnicas. Além disso, utiliza o jornalismo literário para trazer também perfis jornalísticos de algumas das rendeiras e bordadeiras responsáveis pela produção das peças nas tipologias de artesanato analisadas.

**Palavras-chave:** Livro-reportagem; rendas e bordados; artesanato; Alagoas; Jornalismo.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
1.1	Justificativa	11
1.2	Objetivos	11
1.2.1	Objetivo Geral	11
1.2.2	Objetivos Específicos	11
<b>2</b>	<b>FORMATO E GÊNERO</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA DE EXECUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>DESCRIÇÃO DO PRODUTO</b>	<b>20</b>
4.1	Público alvo	21
4.2	Projeto gráfico	22
4.3	Equipamentos e softwares utilizados	23
4.4	Custos de execução e orçamento do produto	23
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O livro-reportagem “*Onde há rede, há renda: as histórias por trás das rendas e bordados alagoanos*” tem como tema principal o artesanato na tipologia fios e tecido de Alagoas, região nordeste do Brasil. O artesanato de uma região ou povo está muito ligado à sua cultura e folclore, e é geralmente desenvolvido por grupos sociais, rurais ou urbanos, marginalizados.

Esse folclore é a representação mais pura das características de seu povo e está em constante evolução, se manifestando de forma dinâmica, assim como esse povo que o representa, como explica Cascudo (1972, p. 123) “(...) O folclore, sendo uma cultura do povo, é uma cultura viva, útil, diária, natural (...)”.

O folclore se desenvolve também como um suporte de comunicação para esses grupos marginalizados, muitas vezes não alcançados pela grande mídia, exprimindo nas representações culturais que cultivam, dentre elas o artesanato, um meio de se comunicarem e passarem adiante suas tradições, anseios e sua voz. A cultura popular e o folclore são, portanto, ferramentas e também objetos de estudo da comunicação.

Entre os principais encarregados por estudar a relação desse tipo de manifestação popular com a comunicação está a *folkcomunicação*. A maneira como o folclore é passado de uma geração a outra é uma das formas com que ele está relacionado à comunicação, como explica José Marques de Melo (2012, p. 23):

“Sua permanência (do folclore) na vida social requer a transmissão desse patrimônio coletivo de uma geração a outra, o que só pode ser compreendido pelo reconhecimento do papel crucial desempenhado pela comunicação em seu referencial fenomenológico”.

Dentre as diversas possibilidades, seguindo a ideia de que “a cultura popular compreende o artesanato, as indústrias caseiras, tudo quanto acompanhar a tradição manufatureira, mesmo com modificações (...)” (CASCUDO, 1972, p. 13), a manifestação cultural escolhida como tema desse trabalho foi o artesanato, mais especificamente os de fios e tecidos, por conta de sua grande representação e protagonismo feminino, objeto de muito interesse da autora.

Partindo-se da definição de artesanato como “(...) objetos produzidos manualmente, com ou sem auxílio de instrumentos, que têm as feições locais/regionais, reveladoras de costumes, pensamentos, ideias e ideologia da comunidade” (SIGRIST, 2012, p. 192)

E juntando a ela a definição de que esses artesanatos são um processo produtivo manufaturado e criado “por operários anônimos, na qual se aplicam técnicas ancestrais, transmitidas por famílias ou grupos comunitários, e cujo consumo ocorrem majoritariamente, nos grupos populares” (CUNHA, 2003, P. 74), optou-se por retratar as feições locais dos grupos populares de artesãs de rendas e bordados de Alagoas, cuja produção se tornou uma marca registrada e objeto de exploração turística no estado. Com isso, essas peças se espalham para os mais variados lugares do país, levando consigo a identidade do local e do grupo em que se originaram, em uma dinâmica explicada por Beltrão, fundador e teórico da *folkcomunicação*:

[...] os artesãos do campo, segundo as tradições dos seus ancestrais medievos, têm não as suas ruas, mas os seus bairros e arruados, em cujos limites encontram com mais facilidade a matéria-prima de que se valem, sob a orientação dos mais velhos e experimentados, para elaborar e veicular, nas peças que criam, utilitárias ou artísticas, as mensagens icônicas entranhadas em linhas e fios dos bordados e rendas, nas formas e figuras de barro, pedra, madeira, ou metais, nos signos fulgurantes e multicoloridos das joias e objetos de material semiprecioso que, nos colos, nos pulsos ou nas casas de famílias mais afortunadas gritam, silenciosa, despercebida, mas constantemente, o conteúdo filosófico e social do discurso do mundo rural distante (BELTRÃO, 1980, p. 53)

O estado de Alagoas, assim como toda a região nordeste do país, é rico em manifestações folclóricas como os reisados, fandangos, maracatus, o coco alagoano, as bandas de pífanos, e os artesanatos em madeira, palha, cerâmica, barro, couro, fios e tecidos. Desse último tipo se destacam e são característicos do estado, entre outros, o filé, redendê, labirinto, singeleza, bilro e boa noite, espalhados nas mais variadas localidades.

Dentre esses, foram escolhidos, por apresentarem maior representatividade, o bordado filé, a renda de bilro e o bordado boa noite para serem explorados no livro. Além das características peculiares de cada um, foram abordadas as vidas das mulheres produtoras desses tipos de artesanatos, mostrando a realidade social e individual desse grupo de representantes da cultura popular.

A ferramenta utilizada para narrar essas histórias ao público foi o jornalismo literário, resultando num projeto com doses de informação, de maneira clara e explicativa, como é papel do jornalismo, e também envolvendo o leitor de maneira emocionante ao narrar a história de vida dessas mulheres.

## **1.1 Justificativa**

A realização do presente trabalho se justifica por sua intenção de registrar e documentar o saber-fazer das técnicas de trabalhos manuais abordadas, que são parte de uma representação da cultura popular de uma região, servindo como instrumento de preservação dessas tradições e também como documento de um recorte da realidade dos agentes produtores dessa cultura popular neste determinado espaço-tempo.

Esse tipo de registro se mostra importante para a memória das representações populares e folclóricas, podendo servir como material para consultas posteriores e também como uma maneira de demonstrar a importância do papel das rendeiras e bordadeiras na construção e preservação dessas representações.

Além disso, o produto tem a função de tornar a temática abordada conhecida por um público maior, que não está restrito ao estado em que ela se desenvolve ou mesmo os que estão e ainda assim não conhecem, popularizando-a.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Produzir um livro-reportagem sobre o histórico e modo de produção de algumas rendas e bordados tipicamente alagoanos e as mulheres que os produzem.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Dar protagonismo e destaque para as mulheres que produzem as rendas e bordados no estado de Alagoas;
- Mostrar a importância econômica que o artesanato tem para as mulheres que o produzem (como fonte de renda e também para o empoderamento dessas mulheres);
- Mostrar como a tradição dos bordados e rendas passa de geração em geração e a trajetória histórica dessa atividade;
- Explorar as diferenças dos diversos tipos de bordados e rendas e um panorama dos que compõem a cultura alagoana;

- Valorizar os trabalhos que ainda são feitos manualmente e todo o método ao redor deles.

## 2 FORMATO E GÊNERO

A escolha do livro-reportagem como suporte para o trabalho se deu em função da liberdade e maior profundidade que podem ser exploradas no formato. Indo além do aprofundamento de um tema permitido pela reportagem, o livro-reportagem funciona como uma ferramenta de escape aos modelos engessados e limitadores do jornalismo diário, como define Lima:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos. (LIMA, 2009, p. 26)

Além disso, o formato tem um caráter documental, capaz de retratar as circunstâncias vividas em uma época por um ou mais grupos. Essa característica do livro-reportagem se mostra interessante quando relacionada ao tema abordado: a cultura popular e o saber-fazer de uma técnica artesanal, temas que muitas vezes não são documentados e se perdem com o passar dos tempos.

A maior liberdade possibilitada pelo formato levou também à escolha do uso de perfis jornalísticos como forma de retratar a realidade e o cotidiano do grupo social tema do trabalho, as bordadeiras e rendeiras do estado de Alagoas. Os perfis são responsáveis por captar nuances da vida dos entrevistados, sem ter a obrigação de atentar-se a todos os detalhes que cerceiam suas histórias, como em uma biografia, de acordo com Vilas Boas:

Diferentemente das biografias em livro, em que os autores têm de enfrentar os pormenores da história dos biografados, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (no tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. (VILAS BOAS, 2003)

Todos os perfis que compõem o livro foram elaborados com a técnica de captação intrínseca ao jornalismo, que é a entrevista. A função da entrevista “é estimular, criar um clima autêntico de conexão entre entrevistado e receptor” (LIMA, 2009, p. 90). Com essa conexão estabelecida é possível captar características e particularidades de cada entrevistado e elaborar um perfil mais rico e complexo.

Lima (2009) classifica também os tipos de entrevistas usados para a captação e produção de um livro-reportagem, sendo a de cunho biográfico a mais utilizada pela

autora na captação das informações do trabalho em questão. O emprego desse tipo de entrevista é definido pelo autor: “As entrevistas biográficas surgem no livro-reportagem, em algumas circunstâncias, resgatando a oralidade de certos atores, dessa forma contribuindo para reproduzir as idiossincrasias de certas culturas e de suas relações sociais”. (LIMA, 2009, p. 117)

Além dos perfis, o livro-reportagem é composto também por capítulos de contextualização histórica e geográfica e do modo de produção dos tipos de bordados e rendas retratados. Essa junção de histórias de vida e contextos a respeito do local e forma de produção dos artesanatos resulta em um panorama geral sobre o tema, possibilitando ao leitor uma ideia ampla da situação vivida pelo grupo social e atividade em questão. Ao final temos um produto que Lima (2009) descreve, dentre outros tipos, como livro-reportagem-perfil, que geralmente,

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, *a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão* (LIMA, 2009, p. 51, grifo nosso)

O projeto também mescla um outro tipo de produção classificada pelo autor, o livro-reportagem-retrato, que ao procurar traçar o retrato de um objeto, seja ele um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, ou qualquer outro grupo,

Visa elucidar, sobre tudo, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade. É marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar um serviço educativo, explicativo. Por isso, trabalha a metalinguagem, na troca de miúdos de um campo específico do saber para o grande público não especializado. (LIMA, 2009, p. 53)

A fotografia é usada ainda no produto como uma forma de ilustração das personagens e principalmente dos trabalhos manuais executados por elas, desconhecidos por grande parte do público leitor. A presença da fotografia se faz importante também pelo caráter extremamente visual do tema. Ela é utilizada como um complemento ao texto do livro, seguindo a definição de Jorge Souza (2002, p. 9), em que o autor acredita que “a fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer

determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem”.

Outra escolha feita pela autora, permitida pelo formato, é o uso do jornalismo literário como ferramenta para compor a narrativa. Esse gênero está comumente associado ao livro-reportagem, conforme explica Lima:

O livro-jornalismo e o jornalismo literário combinam-se bem pois o propósito essencial que move o segundo é a busca da **compreensão**, enquanto o primeiro, pelo caráter duradouro e de consulta prolongada que pode proporcionar, serve à função educativa de disseminação do conhecimento. De um modo prazeroso, natural, que é o contar histórias. E histórias são centradas em pessoas. (LIMA, 2009, p. 366, grifo do autor)

O jornalismo literário é muito atrelado ao *New Journalism*, estilo literário desenvolvido a partir da década de 60, com autores como Truman Capote e Gay Talese como grandes exemplos internacionais, que empregaram o estilo inclusive em livros-reportagem que viriam a ter enorme sucesso. Esse estilo rompe com a ideia de objetividade imposta ao jornalista e este passa a ser parte integrante da narrativa, elaborada a partir de sua participação, observação e envolvimento com o tema, narrado sob sua visão.

Depois do seu auge nas décadas de 60 e 70, o estilo experimental do gênero sofreu uma decadência, mas deixou um legado que até hoje é utilizado nos diversos gêneros do jornalismo literário, entre eles o livro-reportagem.

Resta acrescentar que o principal legado do new journalism – a de que a melhor reportagem, no sentido de captação de campo e fidelidade para com o real, pode combinar-se muito bem com a melhor técnica literária – encontrou sua mais refinada expressão no livro-reportagem. Exatamente porque esse, apesar dos avanços da reportagem literária em veículos cotidianos, ainda oferece as condições ideais para a narrativa jornalística que precisa escapar à produção industrial cerceadora do jornalista criativo. (LIMA, 2009, p. 211)

No projeto, a autora flerta com o estilo do *new journalism* por meio da produção das narrativas contadas a partir do próprio ponto de vista, com o uso de 1ª pessoa por vezes, e também das experiências vividas nas entrevistas e impressões captadas dos entrevistados.



### 3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

A ideia para o projeto surgiu em março/2018, depois da desistência de realizar uma monografia, a qual já tinha pré-projeto e orientador definidos. A vontade de me aproximar mais do fazer jornalístico e a oportunidade de executar um projeto inteiramente idealizado por mim falaram mais alto.

O tema surgiu de maneira espontânea e imediatamente me entusiasmei com ele. Seria uma forma excelente de fechar esse ciclo juntando tudo com o que me identifico: minhas raízes nordestinas, a cultura popular, o jornalismo cultural e literário e o estado de Alagoas, que foi minha primeira parada nessa trajetória de me tornar uma jornalista. Tudo isso embalado por um tema que tangencia de certa forma outros assuntos de meu interesse: a moda e o design.

O primeiro contato com a Prof.<sup>a</sup> Maria Cristina Gobbi ocorreu no dia 15/03, por e-mail, solicitando uma reunião para propor o tema e convidá-la a ser minha orientadora. Nos reunimos no dia 21/03 e expliquei minha ideia para a execução do trabalho, que ela imediatamente aceitou orientar.

Comecei então a fase de revisão bibliográfica e pesquisa para me aprofundar no assunto e decidir as diretrizes que iria seguir. Em reunião de orientação no dia 03/05, propus a divisão do livro nas três tipologias de rendas e bordados que o norteiam: filé, bilro e boa noite. A partir disso e com a data da viagem já definida, iniciei uma busca pelas possíveis personagens que fariam parte do trabalho. Com as sugestões de personagens aprovadas pela orientadora em reunião do dia 16/05, comecei a estabelecer o contato com cada uma delas.

O primeiro contato foi com Ana Cristina, filezeira de Marechal Deodoro. Consegui seu contato a partir de uma tia minha, que é sua conhecida. Ana prontamente aceitou participar e combinamos de confirmar um dia para a entrevista quando minha chegada à Maceió estivesse mais próxima.

O segundo contato foi com a Cooperativa Art Ilha, no dia 16/05, através do Facebook. De lá, passei a me comunicar diretamente com Eridan, responsável pela página e que se tornou minha conexão com a cooperativa.

Logo depois, entrei em contato com um primo meu, morador de São Sebastião, com o intuito de conseguir o contato de Maria. Ele me informou que a conhecia, me

passou seu contato e me indicou também sua irmã, Josefa, outra rendeira de bilro. Maria também aceitou o convite e ficamos de decidir o dia do encontro posteriormente.

O contato com o Inbordal foi o mais complicado. Minha primeira tentativa foi pela página do facebook do Instituto no dia 25/05 e não obtive resposta. Três dias depois, entrei em contato novamente e me foi passado o telefone pessoal de Lucineide. O contato com ela foi o mais difícil e nossa comunicação era irregular, com dias de espera até suas respostas, o que me causou certa insegurança.

O último contato antes da viagem foi com Tereza, no dia 10/06, indicada por uma antiga colega de classe da época da Ufal, que é moradora do Pontal da Barra. Ela aceitou o convite e marcamos a entrevista para a mesma semana. No dia 06/06 tive a última reunião com a orientadora antes de viajar, para acertar os últimos detalhes.

Desembarquei em Maceió na terça-feira, 12/06. Na quarta-feira, 13/06, desci para a orla da cidade a fim de explorar um pouco as feirinhas de artesanato concentradas nessa região. Em uma feirinha menor, montada na rua atrás do principal pavilhão de artesanatos da orla, conheci Patrícia. Ela é dona de sua própria banca e a encontrei sentada com o tear no colo, fazendo filé. Conversamos por cerca de uma hora e apesar de não a usar como personagem na produção final, nossa conversa foi extremamente enriquecedora e a partir dela pude conhecer o panorama geral da produção e comercialização do filé na capital.

No dia seguinte, 14/06, fui ao Arquivo Público de Alagoas, em busca de material documental sobre as tipologias de artesanatos de meu interesse e também sobre as localidades em que são produzidas. Foi uma pesquisa muito produtiva e que serviu de base para os capítulos do livro dedicados às técnicas e contextos históricos e geográficos de cada tipologia. No mesmo dia também fui a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em Alagoas, mas a visita não foi muito produtiva, pois a responsável pelo tema estava de férias e o único material encontrado pelas demais funcionárias dizia respeito à renda singeleza e não acrescentava muito em minha pesquisa.

A primeira entrevista com uma das fontes aconteceu no dia 15/06, na loja de Tereza, no Pontal da Barra, em Maceió. Nossa conversa durou cerca de duas horas e meia e aconteceu enquanto ela se dividia para atender seus clientes.

A segunda entrevista foi no sábado, 16/06, na casa de Ana Cristina, em Marechal Deodoro. Passei a tarde inteira com ela e a acompanhei, inclusive, em compromissos fora de sua casa.

No dia 19/06 viajei para a cidade de São Sebastião, no interior de Alagoas. Cheguei lá a tempo de conseguir acompanhar a aula de Josefa à tarde, na escola de rendas de bilros da cidade. Depois do término da aula, ainda pude conversar com ela por cerca de duas horas. No fim da tarde, após sair da escola, fui até a casa de Edson e ele demonstrou em sua serraria o processo de produção dos bilros.

Na manhã seguinte fui novamente até a escola, dessa vez para entrevistar Maria. Peguei o final de sua aula e novamente após o término da mesma, conversei com a rendeira por cerca de duas horas.

No dia 21/06 saí de São Sebastião com destino a Pão de Açúcar, no sertão do estado. Encontrei Eridan na cidade e fomos juntas até o povoado da Ilha do Ferro, sede da Cooperativa Art Ilha. Passei cerca de duas horas com as artesãs e voltei para Maceió no mesmo dia.

A última entrevista foi com Lucineide, no dia 28/06, depois de muitos desencontros. Encontrei-a na casa de sua irmã, Luciana, no bairro do Pontal de Barra. Nossa conversa durou cerca de duas horas e meia. Voltei para Bauru no dia seguinte, 29/06.

Utilizei o mês de julho para a organização do material coletado e transcrição das entrevistas. No dia 15/08 me reuni com a orientadora para definir os próximos passos da produção do trabalho.

Iniciei o processo de escrita do livro em meados de agosto e ele se estendeu por todo o mês de setembro e a primeira dezena de outubro. Durante esse período, foram realizadas três reuniões de orientação para feedback dos textos produzidos. Foram elas nos dias 11/09, 05/10 e 10/10.

Após a finalização da parte escrita no começo de outubro, parti para a seleção e tratamento das imagens, que após serem aprovadas pela orientadora em reunião no dia 18/10, deram início ao processo de planejamento gráfico e diagramação do livro, que durou cerca de dez dias.



#### 4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro-reportagem *“Onde há rede, há renda: as histórias por trás das rendas e bordados alagoanos”* é dividido em três grandes partes, sendo elas as três tipologias de rendas e bordados retratadas: filé, bilro e boa noite.

Depois da dedicatória, epígrafe e agradecimentos, o livro tem início com o capítulo de Apresentação que narra um pouco do caminho percorrido e das escolhas feitas até a concepção final do produto. Nesse capítulo também é dado um panorama geral sobre Alagoas e a condição do artesanato no estado.

Em seguida, a primeira parte do livro traz como tema o filé. Após a abertura do capítulo, é retratado o contexto histórico do bordado na região e também a técnica utilizada para sua produção, além da problemática a respeito da comercialização do bordado. Logo depois, o livro traz a contextualização geográfica do bordado, com capítulos abordando o bairro do Pontal da Barra, em Maceió e a cidade de Marechal Deodoro, maiores produtores do bordado.

Inicia-se então a parcela literária desta parte, com capítulos que trazem os perfis das bordadeiras Tereza, Ana Cristina e Lucineide, todas produtoras do filé. Cada perfil tem entre 12 e 15 mil caracteres e trazem como título o próprio nome das personagens, sem o sobrenome, para gerar uma sensação de proximidade com o leitor.

A parte seguinte tem como tema o bilro e a abertura do capítulo repete a fórmula de contexto histórico, técnica de produção e problemática de comercialização. O capítulo posterior apresenta brevemente a cidade de São Sebastião e é seguido pelo perfil das irmãs rendeiras Maria e Josefa. Essa segunda parte tem como encerramento uma breve história sobre o marceneiro responsável pela produção dos bilros na cidade, Edson, ou Seu Serraria.

A terceira e última parte traz o bordado encontrado exclusivamente na cidade de Pão de Açúcar, sertão alagoano. A técnica do boa noite é retratada juntamente com seu histórico no povoado da Ilha do Ferro, que é tema do capítulo seguinte. O perfil da Cooperativa Art Ilha encerra os textos literários e a terceira parte do livro.

Por último, é inserido um glossário com o significado de algumas expressões e palavras usadas regionalmente e que foram inseridas ou mantidas nas falas das

entrevistadas para que não houvesse a perda do regionalismo e o caráter de exaltação popular no produto. Por fim, há também o capítulo das referências bibliográficas utilizadas na produção do livro.

A escolha do nome do livro, “Onde há rede, há renda”, surgiu a partir da leitura de livros e artigos relacionados ao tema das rendas e bordados. A expressão é comumente usada no nordeste do país para associar a presença de trabalhos manuais desenvolvidos por mulheres, como a renda, em localidades onde há a predominância da exploração da pesca, como acontece com dois dos três locais retratados no livro.

A revisão do conteúdo textual foi feita pela professora e orientadora Maria Cristina Gobbi e também pela jornalista Mara Silvia Cerquetani, colega de trabalho da autora.

Além do livro-reportagem, foi criada também uma conta no Instagram<sup>1</sup> como ferramenta de divulgação do produto e também para a disponibilização de conteúdo extra coletado durante a apuração e que não foi utilizado na edição final do livro, como imagens e também conteúdos audiovisuais captados durante as entrevistas, postados ao longo do mês que antecedeu a apresentação do produto.

#### **4.1 Público alvo**

O livro-reportagem “*Onde há rede, há renda: as histórias por trás das rendas e bordados alagoanos*” foi desenvolvido tendo como público alvo as pessoas de outros estados e regiões do país que não têm conhecimento e acesso aos diferentes tipos de artesanato do estado de Alagoas. O livro também pode ser utilizado como consulta para o público que tiver interesse na temática.

---

<sup>1</sup> A conta de Instagram do livro-reportagem “Onde há rede, há renda” pode ser acessada através do endereço [https://www.instagram.com/redeha\\_renda/](https://www.instagram.com/redeha_renda/), acesso out 2018.

## 4.2 Projeto gráfico

O projeto gráfico do livro foi pensado para ser “limpo” e simples, dando destaque para as imagens e para o texto. O tamanho do produto é de 16x23cm, com 111 páginas no total.

As três grandes partes principais (filé, bilro e boa noite) ganharam uma abertura com página dupla, constando a foto, sangrada, de uma peça com a técnica empregada na página esquerda e o nome da técnica (na fonte Winthorpe, tamanho 100) na página direita, acompanhada pela citação (na fonte Adobe Garamond Pro, itálico, tamanho 12) no canto inferior direito de uma música que se relaciona com técnica.

Os demais capítulos se iniciam também com uma foto, sangrada, na página esquerda e o título do capítulo (na fonte Winthorpe, tamanho 25) no canto superior direito da página à direita. Três centímetros abaixo do título, inicia-se o corpo do texto (todo na fonte Adobe Garamond, tamanho 12, justificado, com entrelinha 15). Essa fonte foi escolhida por se tratar de uma tipologia serifada, facilitando a leitura. No rodapé, presente em todas as páginas de texto para identificar o número da página e a técnica a que corresponde o capítulo, foi usado a fonte Winthorpe, no tamanho 11.

As páginas de texto são intercaladas com páginas de imagens e houve a opção pelo não uso de legendas por duas razões: para manter a diagramação limpa e harmônica e também porque as imagens são complemento do texto e se justificam por meio dele, não havendo necessidade de um texto complementar.

As imagens que compõem o livro foram editadas e tratadas de maneira corretiva, sem muitas intervenções, a fim apenas de acentuar o colorido das peças e dos locais. Houve uma opção por “aquecer” um pouco a coloração das imagens naturalmente mais frias, para criar uma unidade. As imagens foram dispostas sem margens, de página inteira, na abertura dos capítulos para receberem mais destaque. Nas demais páginas, foram organizadas em pares ou de maneira única com uma margem em branco ao redor, formando uma espécie de moldura, de modo a atenuar a diagramação e um possível conflito de informações nas duplas páginas de imagens.

Foi utilizado também um ícone de carretel de linhas para marcar o final de cada capítulo. O símbolo foi escolhido por remeter aos fios e linhas usados para criar os bordados e rendas.

A capa foi produzida pela jornalista e amiga da autora, Thaís Pichatelli, após briefing definido em conjunto. Na capa foram usadas as fontes Montserrat para o nome da autora e o título “Onde há rede”, Bebas no título “Há renda” e Arimo para o subtítulo.

O produto foi pensado para ser impresso em papel couchê fosco, resultando em uma melhor qualidade das imagens e seguirá para impressão após as sugestões e contribuições da banca avaliadora.

#### 4.3 Equipamentos e softwares utilizados

Para a gravação e captação do áudio das entrevistas foi utilizado o celular da autora, da marca Asus, modelo Zenphone 4 Selfie, adquirido no mês anterior a viagem. O aparelho também foi utilizado para a captação das imagens, tendo em vista que a autora não possui câmera fotográfica própria e que os equipamentos disponibilizados pela Unesp têm um tempo de empréstimo restrito e inferiores à duração da viagem realizada.

Para o tratamento das imagens foi utilizado o software de edição Adobe Lightroom Classic CC 2018 e para a diagramação do livro foi utilizado o software Adobe InDesign CC 2018.

#### 4.4 Custos de execução e orçamento do produto

As despesas para a execução do produto foram todos custeados pela própria autora e seus familiares, sendo eles, aproximadamente:

Passagem São Paulo – Maceió (ida e volta)	R\$ 860,00
Transporte Bauru – São Paulo (ida e volta)	R\$ 150,00
Transporte em Maceió e demais cidades do interior	R\$ 300,00
Alimentação e demais gastos na viagem	R\$ 400,00
<b>Gasto total aproximado</b>	<b>R\$ 1.710,00</b>

Foram feitos vários orçamentos para a impressão do livro e o que apresentou uma relação custo-benefício mais proveitosa foi o da Gráfica Mx, onde cada exemplar,



com o miolo impresso em papel couchê fosco com gramatura de 115 mg e páginas ilustradas coloridas, sairá R\$ 11,50, sem frete incluso, tendo como condição uma tiragem mínima de dez exemplares.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da grande responsabilidade na produção de um livro-reportagem, que teve como missão retratar ainda a história e trajetória de outras pessoas, o projeto e o produto final são motivos de muito orgulho para a autora.

A dificuldade de planejar, executar, checar, entrevistar, escrever e desenvolver toda a pós-produção de maneira individual foi por horas desesperadora, mas também desafiadora e prazerosa. Conseguir superar os imprevistos e encontrar soluções palpáveis para eles foi um aprendizado que só o desenvolvimento de um trabalho jornalístico desse tipo, na prática, poderia oferecer.

Esses desafios e aprendizados se estenderam também à parte prática da execução. E é nesse aspecto que a produção do trabalho se torna tão enriquecedora. Poder utilizar os conhecimentos de planejamento, apuração, entrevista, escrita, fotografia, tratamento de imagens e diagramação, acumulados durante a graduação, de uma só vez, faz com que o projeto cumpra o papel a que se propõe: de consolidação da formação acadêmica.

Unido a isso, estão os novos aprendizados adquiridos, principalmente na área editorial da produção de um livro, que não seriam possíveis sem a realização deste projeto.

Poder conhecer e contar as mais diferentes histórias através do jornalismo foi, de certa forma, um resgate ao motivo principal que fez com que a autora ingressasse na graduação.

Sem dúvidas, esse trabalho foi mais um ponto, e dos grandes, do percurso e das escolhas que serão tomadas daqui pra frente na trajetória profissional e também pessoal da vida da autora. E essa é só o começo dela.

## REFERÊNCIAS

- ALAGOAS. Secretaria do Planejamento, Gestão e Patrimônio. **Anuário Estatístico do Estado de Alagoas**. Alagoas em Dados e Informações, 2017. Disponível em: <<http://dados.al.gov.br/dataset/anuario-estatistico-do-estado-de-alagoas/resource/0d561d82-6be2-4736-9a34-43dffcf0b5f7>>. Acesso em 02 de set. de 2018.
- ARTESOL. **Art Ilha**. Artesol: Artesanato Solidário. Disponível em: <[http://www.artesol.org.br/rede/membro/art\\_ilha](http://www.artesol.org.br/rede/membro/art_ilha)>. Acesso em: 10 de out. de 2018.
- BARROS, Rachel Rocha de Almeida. Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional. **Latitude**, Maceió, v. 11, n. 2, p.385-420, 2017. Semestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/4043>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.
- CAVALCANTE, Rodrigo. **Conheça a verdadeira origem do filé alagoano e como um novo selo vai valorizá-lo no mercado**. Agenda A, 2016. Disponível em: <<http://www.agendaa.com.br/negocios/turismo/5699/2016/08/07/conheca-a-verdadeira-origem-do-file-alagoano-e-como-um-novo-selo-vai-valoriza-lo-no-mercado>> Acesso em: 16 de set. de 2018.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Seleta**. Rio de Janeiro: MEC: José Olympio, 1972.
- CUNHA, Newton. **Dicionário SESC: a linguagem da cultura**. São Paulo: SESC, 2003.
- DA SILVA, Vera Lucia; PERRY, Gabriela. **Renda de Bilros: estudo de pontos tecidos nas regiões Nordeste e Sul do Brasil**. IN: Dossiê Aspectos Tecnológicos e Projetuais do Design de Superfície em Produtos de Moda. v. 11, n. 21, jan./jun. 2018. – Florianópolis: UDESC/CEART, 2018 (p. 126-146) Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/10352/7182>>. Acesso em: 04 de out. de 2018.
- DANTAS, Carmem Lúcia. Artesanato. In: PEDROSA, Tânia de Maya (Org.). **Arte popular de Alagoas**. Maceió: Grafitex, 2000. p. 78-83.
- \_\_\_\_\_. Renda e Bordado. In: **MESTRES Artesãos das Alagoas: Fazer Popular**. 2. ed. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2014. Cap. 7. p. 182-216.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueria. **A economia de Alagoas**. Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/a-economia-alagoas.htm>>. Acesso em: 02 de set. de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama do Estado de Alagoas**. IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/panorama>> Acesso em: 02 de set. de 2018.

INSTITUTO DO BORDADO FILÉ ALAGOAS. **Caderno de Instruções do Filé**: Um guia de como fazer o tradicional filé alagoano. 1. ed. Maceió, 2014. 76 p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Marechal Deodoro (AL)**. IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/109>>. Acesso em: 04 de out. de 2018.

LIMA JR., Felix. O Pontal da Barra. **Jornal de Alagoas**. Maceió, 02 set. 1962. Suplemento 18, p. 1-3.

LIMA, Edvaldo. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

LIMA, Mariana. **Bordado Filé de Alagoas conquista selo de Indicação Geográfica**. Agência Sebrae de Notícias, 2016. Disponível em: <<http://www.al.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/AL/bordado-file-de-alagoas-conquista-selo-de-indicacao-geografica,d24649f6ced44510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 16 de set. de 2018.

MELO, José Marques de. Ecos da rebeldia beltraniana: o artesanato como objeto de estudo folkcomunicacional. In: LOPES FILHO, Boanerges Balbino et al (Org.). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 23-40.

O FILÉ e a área lagunar: entre cultura e economia. **Gazeta de Alagoas**. Maceió, 05 jul. 2014. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=247630>>. Acesso em: 16 de set. de 2018.

**PONTAL da Barra, a antiga Vila de São Pedro**. História de Alagoas, 2018. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/pontal-da-barra-a-antiga-vila-de-sao-pedro.html>>. Acesso em: 18 de set. de 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL DEODORO. **Origem**. Marechal Deodoro. Disponível em: <<http://www.marechaldeodoro.al.gov.br/a-cidade/origem/>>. Acesso em: 04 de out. de 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO SEBASTIÃO. **Sobre a cidade**. São Sebastião. Disponível em: <<https://www.saosebastiao.al.gov.br/v3/acidade/sobre-a-cidade/2>>. Acesso em: 05 de out. de 2018.

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DO ARTESANATO DE TRADIÇÃO CULTURA. **Bordado boa-noite da Ilha do Ferro (AL)**. PROMOART. Disponível em: <<http://www.promoart.art.br/polo/bordado-boa-noite-da-ilha-do-ferro-al>>. Acesso em: 10 de out. de 2018.

RAMOS, Arthur; RAMOS, Luiza. **A renda de bilro e sua aculturação no Brasil**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. 1949.

SIGRIST, Marlei. Folkcomunicação e artesanato: as identidades culturais locais e seus mecanismos de visibilidade midiática. In: LOPES FILHO, Boanerges Balbino et

al (Org.). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 191-201.

SOUZA, Jorge. **Fotojornalismo**: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto, 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003